ANO 6.º — Sexta-feira, 12 de Dezembro de 1913 — NUMERO 301

O DEMOCRATA (A VENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre . . . $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso . . . $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

Adesivos

—=(*)=—

E' vulgar dizer-se por aí que muita gente bem intencionada da Monarquia não aderiu á Republica *por causa da campanha contra os adesivos*. Alguem se lembrou de fazer esta afirmação em tom dogmatico, e tanto bastou para que toda a gente a repetisse, ignorando que repetia uma mentira. O que sucedeu foi que, nos primeiros dias que se seguiram á proclamação da Republica, todos os republicanos, e todas as pessoas alheias a partidos politicos, se indignaram com a atitude de outros individuos, **que devendo fazer-se esquecer, apareciam enfeitados de fitas verdes e vermelhas, como cavalos de cortezias,** ostentando impudentemente um republicanismo que não podiam sentir, e fazendo éssa ostentação apenas para explorar o novo regimen **e manter dentro dêle a situção predominante que haviam mantido no tempo da Monarquia.**

Creaturas que ainda no dia 3 de outubro vociferavam contra os republicanos, e se ofereciam ao rei para os fazer em postas; cavalheiros que nas secretarías proclamavam a sua lealdade monarquica e perseguiam desalmadamente os suspeitos de menos fieis á realeza, apareceram, em poucas horas, transformados nos mais furibundos jacobinos, **querendo rebater as suas falsas convicções, sem respeito pela causa que na vespera diziam servir, sem respeito por si proprios** e sem outra ambição que não fôsse a de continuarem explorando o tesouro publico. A atitude déssa gente é que indignou e irritou os republicanos e deu logar a censuras severas por parte da opinião publica.

Disse-se então—e pela nossa parte assim o continuamos pensando—que certos personagens deviam desaparecer da vida politica, retirando-se para onde a ninguem incomodassem, confiados na generosidade do povo que saberia perdoar-lhes se êles soubéssem fazer-se esquecer. Mas de maneira alguma se repeliu o concurso de quantos, no tempo do velho regimen, não tinham responsabilidades, nem haviam ocupado situação que tornasse impossivel o acreditar-se na sua lealdade á Republica.

A nossa orientação hoje é a mesma que exprimimos no manifesto do Directorio do Partido Republicano, publicado em 16 de abril de 1911, quando o povo era convocado a eleger os seus representantes á Assembleia Nacional Constituinte:

Nésta hora soléne, em que vâmos decidir dos nossos destinos, façâmos justiça aos que, dentro do velho regimen, ignoraram os seus crimes e viveram iludidos; sejamos tolerantes para com aquêles que não foram culpados, e chamemos a trabalhar pelo bem da nação quantos viviam afastados da politica.

Este modo de pensar se nos afigura o mais honesto e, certamente, quem considerar bem nas palavras acima transcritas, reconhecerá quanto é injusta e falsa a velha cantata da campanha *contra os adesivos*.

Chamar para a Republica todos aquêles que não foram culpados e viveram iludidos ignorando os crimes que praticavam os que tinham a suprema direcção do país no velho regimen, é o que nós temos feito. **O que não deve fazer-se porém é, para engrossar um partido, chamar á vida politica todos aquêles que foram agentes de corrução dentro da Monarquia.** Engrandecer um partido, como crescem certos rios, com aguas turvas, não será, decerto, a melhor maneira de fazer obra republicana e de moralisar o país. Esse erro, se póde dar, num determinado momento, vantagens de ordem puramente numérica a um partido, hade sempre resultar, em ultima analise, prejudicial, não só a essê partido, mas ao país.

Os partidos que se formarem pela acção constante dos seus propagandistas junto das diversas camadas sociaes, espalhando principios e propondo formulas claras e concisas para a resolução de alguns dos inumeros problemas a resolver num país onde o velho regimen nada resolveu, talvez não se constituam tão rapidamente como muitos desejam, mas constituem-se solidamente. Ora não é inutil chamar a esses partidos republicanos o que havia de bom no tempo da Monarquia; é mesmo um dever aproveitar aptidões e chamar o concurso dos bem intencionados que não militavam no partido republicano antes da revolução. Repelir quem queira trabalhar honestamente pelo bem do seu país é um disparate, mais do que um disparate, um crime contra a prosperidade da Republica.

Mas dispensar a cooperação de quantos aderem ao novo regimen para continuar dentro dêle a pratica de todas as vilanias com que se desonrou o velho regimen, é um dever. Dir-se-á que é dificil distinguir os bons dos máus, e alegar-se-á que para cada partido *adesivo* é o que adere aos outros.

Não pensamos assim. A distinção entre os que eram bons ou máus no tempo da monarquia, está-se tornando cada vez mais facil. E um partido que não tenha a furia de conquistar o mando, póde estar certo de que não será procurado pelos videiros, pelos exploradores e pelos habilidosos. Ora esses, adiram a que partido aderirem, é que merecem o qualificativo desprezivel de *adesivo*. **E crêmos que ninguem, desejoso de bem servir a sua patria, quererá que o confundam com tal casta de gente.**

Contra essa **desprezivel ciganagem politica** mantemos a mesma atitude que mantivémos nos primeiros dias da Republica. E decerto não estamos em erro supondo que todos os homens honestos da monarquia, e os que noutros tempos se mantivéram indiferentes á politica pensam como nós pensamos, e desprezaram sempre tanto, como nós a desprezamos, éssa dita ciganagem.

De resto estâmos cértos de que uma reacção republicana e, ao mesmo tempo, uma reacção dos indiferentes, reduzirão á impotencia os elementos desmoralisadores que sobrevivem na Republica. E' uma questão de higiene politica a resolver, e como interessa sem duvida a todo o país, nós veremos que pouco a pouco tudo entrará no caminho em que deve entrar e que, reduzidos ao seu devido papel os *adesivos*, chegará a vez de os velhos republicanos, e aquêles que não o tendo sido querem servir o país dentro da Republica, virão a entender-se para uma obra eminentemente patriotica.

Saibamos esperar que o tempo tudo põe no seu logar.

João de Menezes

As eleições

DAS JUNTAS DE PAROQUIA

—=*=—

Num conluio verdadeiramente repugnante e baixo, acordam por aí todos os elementos jesuiticos e monarquicos na luta que depois de ámanhã pretendem travar contra a lista republicana para as eleições das juntas de paroquia.

E' claro que os taes evolucionistas e camachistas, aceitam e encostam-se a todos êsses elementos que agora aparecem, não movidos pela elevação de qualquer sentimento nobre e patriotico mas como consequencia dos seus represados odios e desespero contra os que na orientação dos seus actos e civismo provam o interesse que nutrem pelo engrandecimento do seu país á sombra duma situação politica que só tem produzido o bem da Patria, em todas as suas manifestações de administração, de finanças e de progresso, num constante esforço bem digno da admiração pública.

Apelando para todos os processos, a *talassaría* está a concertar-se para uma nova tentativa, bem claramente denunciadora dos seus propositos.

Temos fé que ainda désta vez lhe não deverão correr as cousas á medida dos seus desejos.

Lançando mão de todos os recursos, foi feito o respectivo apêlo ás velhas mulas de reserva para que,com a sua presença e esforços, animem as cosmopolitas falanges na batalha de domingo.

Assim, já está em Esgueira o antigo prior daquéla freguezia, o inclito padre Gil, eterno franquista,que logo iniciou a sua perigrinação pelo aprisco das suas antigas ovelhas.

A prégar a paz, o amor aconselhados pela sua religião e pelo seu Deus, julgará o leitor.

Não. A reviver malquerenças, atiçando odios, renovando determinadas recomendações e pedindo o voto. . . contra a *seita maldita*, que num esforço altivo e singelamente patriotico pretende manter em todos os campos as unidades precisas para que délas derive a necessaria força e manutenção dos que nas altas esferas, com o seu saber, com a sua fé e com a sua lealdade de velhos e sincéros republicanos, pretendem desembaraçar o país de todas as peias e de todas as vergonhas, unica herança que receberam da morta monarquia.

Em frente de tão baixos e indignos expedientes e processos o caminho está naturalmente indicado aos que acima de tudo colocam o bem e a prosperidade da sua Patria.

Precavêmo-nos, pois, contra as habilidades dos que, numa fraternidade vergonhosa e anti-patriotica pretendem mais uma vez entravar a vontade do Partido Republicano que intégra a vontade nacional no que éla tem de mais alevantadamente patriotico e sincéramente politico.

Não é só cá...

—=(*)=—

O nosso presadissimo confrade, que vê a luz da publicidade em Shanghae, *A Rotunda*, agradecendo-nos umas referencias justas que ha pouco aqui lhe fizémos, escreve no seu numero de 16 de novembro:

. . . .

«O *Democrata* não é desconhecido na China e os seus artigos sobre a causa da nossa Republica são sempre bem acolhidos por todos os portuguêses no Oriente.»

. . . .

Fica assim confirmado que este jornal não é de tão restrita leitura como apregoam os seus inimigos.

Pelo menos lê-se e aprecia-se na China, embora isso pése aos que supõem limitado a Aveiro o conhecimento das suas imoralidades.

Até na China se sabem . .

ELEIÇÕES ADMINISTRATIVAS

—=(*)=—

Procuradores á junta geral e vereadores--Apuramento em Aveiro

Procedeu-se no domingo nos Paços do Concelho, sob a presidencia do vice-presidente da câmara, sr. Fortunato Mateus de Lima, ao apuramento geral de procuradores á junta distrital e vereadores municipaes, cuja eleição se efectuou a 30 de novembro findo.

Decorreu o acto sem qualquer outro incidente que não fôsse uma pequena altercação ao ser constituida a meza, sendo no final do apuramento proclamados pelo sr. presidente da mêsa, procuradores á junta geral do distrito e vereadores, os seguintes cidadãos:

Junta geral

Efectivos:—Arnaldo Ribeiro e Rui da Cunha e Costa.

Substitutos: — Manuel Lopes da Silva Guimarães e Pompilio Simões Souto Ratóla.

Vereadores do municipio

Efectivos

Bernardo de Souza Torres, Manuel Barreiros de Macêdo, Manuel Marques da Cunha, João Pinto de Miranda, Elias Marques Mostardinha Junior, Antonio Tavares Lebre, Ricardo Mendes da Costa, Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho, João da Cruz Bento, Alberto da Cunha Azevedo, Antonio Maria Ferreira, José Rodrigues Pardinha, José Nunes da Ana Junior, José Simões Miranda, Manuel Gonçalves Nunes, José Rodrigues Calafate e Silva, Abel Augusto de Pinho, Paulo Gonçalves Moreira, João Francisco Leitão, Manuel Nunes de Figueiredo, José Joaquim Fernandes, Manuel dos Santos Silvestre Junior e Mariano Ludgero Maria da Silva, da lista democratica.

Luiz de Brito Guimarães, Maximo Henriques de Oliveira, Pompeu da Costa Pereira, Vicente Rodrigues da Cruz, José Marcos de Carvalho Junior, José Casimiro da Silva, Tomaz Vicente Ferreira, João José Trindade e Evaristo Rodrigues, da lista camachista ou independente.

Substitutos

Elisiário Dias Moreira, Fortunato Mateus de Lima, Antonio Gonçalves de Souza, Antonio Simões Jorge, Manuel Evaristo Ferreira Junior, Luiz Tomé da Silva, João Francisco Pedro, Antenor Ferreira de Matos, José Dias Marques, Antonio Marques Rebelo Junior, Manuel Nunes Felizardo, José Pinheiro Palpista, João de Deus Marques e Manuel dos Santos Junior, democraticos.

Julio Maria Rodrigues da Silva, Manuel Marques de Carvalho, Manuel de Oliveira Valério, Manuel Rodrigues da Silva Lavoura, Silvério Tavares da Silva, Agostinho de Deus da Loura, Francisco Marques da Graça, Manuel Simões Lares, Abel Joaquim Marques Tavares da Silva, Joaquim Simões dos Reis, Francisco da Maia Vilar e José Gomes da Silva, camachistas ou independentes.

Antonio Pereira da Luz, Albano da Costa Pereira, Antonio dos Reis Santo Tirso, Roque Ferreira Patacão e João Pedro de Mendonça Barreto, evolucionistas.

Dr. Antonio Leitão

De regresso de Macau onde, durante seis anos e meio, exerceu clinica, chegou na segunda-feira á noite a esta cidade, o nosso conterraneo e presado amigo, dr. Antonio do Nascimento Leitão, a quem já tivémos o prazer de abraçar.

Vem o dr. Antonio Leitão de perfeita saude, o que nos apraz noticiar, e ainda com as melhores impressões da nossa colonia onde empregou toda a sua actividade durante aquele lapso de tempo, conquistando justas e profundas simpatías com que sempre são distinguidos os homens de caracter e, como ele, trabalhadores, inteligentes e honéstos.

Bem vindo seja.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Continuando

Meu amigo

Estava resolvido a suspender esta semana a habitual estupada que com a maior semcerimonia pela bondade do amigo e paciencia dos leitores—deixe passar esta vaidade—tenho o habito de... oferecer-lhe com uma persistencia assustadora, quando duas inesperadas razões me obrigam a pôr de parte as minhas mais humanas e justas intenções.

Por uma daquelas tenho eu a inteira responsabilidade; a da outra vai por conta de tantos quantos tomaram parte na engraçadissima comedia sacra que para aí decorreu e que se poderia epigrafar, aplicando o seu argumento para texto dum livro:—*Atribulações dum catolico convertido...ao catolicismo!*

Na minha ultima carta disse que—*Roma reconhece como bispos e como presbiteros os padres protestantes, que podem, até, celebrar, conforme o seu rito, nas egrejas catolicas.*

Foi um lapso escrevendo *protestante*, quando deveria escrever *ortodoxo*.

O padre catolico, apostolico grego—o padre ortodoxo oriental—é que a dentro dos templos catolicos, apostolicos, romanos, pódem celebrar os actos da sua religião que é absolutamente egual á da catolica e não obedece a Roma, como protesto contra os vandalismos—permita-se-me o termo—que a Egreja dos pápas tem praticado na verdadeira doutrina do evangelho, que é o registo das palavras de Deus!

Na sua crescente vaidade; no ambicioso sonho da sua absoluta supremacía, subvertendo até a grandeza do principio que eles afirmam representar e respeitar, a Egreja só pretende fazer vingar a teocracia romanista.

E' dela, pela boca e pela penna dos seus maiores ornamentos—bispos e cardeais— que se aprególa e tenta fazer passar como doutrina infalivel, os mais absurdos principios.

Assim, estabelecem que—*sempre que os pápas proferem em julgamento solene, logo os bispos e pelos bispos os padres e os fieis receberão a sua palavra como a de Jesus Cristo.*

O clericalismo, representado pelos teologos e pelos canonistas, de ha muito se empenham na taréfa de conquistar para as teorias da Egreja os fóros de infaliveis e de indiscutiveis.

O concilio de 1870, segundo esta orientação, divinisou a pessoa do pontifice, colocando-a superior a todas as discussões e inatigivel a todas as criticas.

Esta resolução estava sem duvida em harmonia com a proclamação do principio de que *muito abaixo do padre estavam os anjos e os arcanjos e de que o padre era superior á mãe de Deus e ao proprio Jesus!*

Evidentemente a ortodoxia fazia e sustentava afirmações deste jaez em harmonia com as teorias que formulou o concilio do Vaticano.

No celebre *acto de fé dos novos catolicos convertidos ao papismo* já se consignava e consagrava o principio de que as criações do pápa eram mais dignas de ser presadas que os *mandamentos do Deus Vivo*, que o pápa merecia genuflexões *como o proprio Cristo* e que as escrituras *eram letra morta* se não fossem explicadas pelo pontifice!!!

Os pápas propagam e apresentam-se como senhores dum poder

absoluto, arquidivino e indiscutivel.

Fóra dele nada vale nem nada se lhe compara.

Vontades e decisões unanimes dum povo—toda a soberania do mundo inteiro unanime numa resolução, sería zero deante da vontade do Pápa.

Ele era tudo.

Assim Gregorio VII é o proprio que escreve—*o nome do pontifice é unico no mundo. Ele póde depôr os imperadores e desligar os povos do seu juramento de fidelidade.*

Mais ainda. Os pápas intitulavam-se não sómente *reis*—mas os *donos da terra!!!*

Demolido a botes da limpida verdade e derretida aos raios de luz dimanada da sciencia é do progresso, esse falso poderío tem-se desmoronado e hoje entra no periodo da sua manifesta decadencia e até da sua morte se não procurarem para a Egreja a sua verdadeira missão de paz, de amor e de perdão—a inegualavel triologia em que assentou toda a sublimidade da doutrina de Jesus.

* * *

Terminadas as considerações que a ratificação ao lapso acima referido sugeriu, falemos agora da aludida comedia sacra que se representou ha dias, em Aveiro, exibindo-se o seu prologo na secretaría do arciprestado e tendo o seu epilogo numa declaração que, de chapa, apareceu em várias gazetas —tementes a Deus—a êsse Deus tão incomensuravelmente grandioso e divino que ainda désta vez não confundiu os protogonistas da comedia, que bem merece as honras de... farça!

Quando foi decretada a Lei da Separação, numa das suas mais justas e alevantadas disposições, estipulou, creando para aquêles a quem dispensava os seus serviços, todavia, contraidos perante as leis existentes de então, pensões representadas em importancias correspondentes aos vencimentos auferidos como funcionarios do Estado, que daquêle momento em diante deixariam de o ser.

Isto é mais que justo: é humano.

Respeitando contudo vários gráus de puritanismo religioso, a faculdade de aceitar ou registar éssas pensões, a lei concedeu-a aos interessados.

Ao mesmo tempo a mesma lei creava comissões cultuaes a quem encarregava da fiscalisação dos bens moveis e mais objectos pertencentes ao culto, que depois de relacionados continuavam a cargo do respectivo prior impondo á referida comissão outros encargos como vigiar pela celebração do culto dentro das horas legaes e proprias para êle, etc., etc.

Houve muitos padres que requereram a pensão, outros recusaram n'a, do que a esta hora arrependidissimos estão.

No caso dos primeiros está o reverendo prior da freguezia da Gloria, no dos segundos o reverendo prior da Vera-Cruz, entendendo-se os dois com as suas respectivas cultuaes.

Ambos reconhecidos hierarquicamente, ambos na plena posse dos seus direitos, ambos no desempenho das suas funções—apezar de tudo e da absoluta egualdade de circunstancias—o primeiro foi *considerado excomungado, considerada interdita a egreja* e de aí a ausencia de todos que não queriam partilhar de tão gràve e... perigoso estado... espiritual!

Mas de quem partiu, *ex catedra*, semelhante condenação!

Ignora-se e não se procurou restabelecer a verdade. De tão estupida e errada compreensão das coisas, resulta que o prior da Gloria só depára junto de si com meia duzia dos seus paroquianos e de resto toda a freguezia procura noutras egrejas os sacramentos e actos religiosos, embolsando os colégas, apezar de tudo, os proventos consequentes.

Mas o prior Rachão mantem-se na sua linha e continua, sereno, no exercicio do seu mistér, alvejado pelos motejos imbecis duns, surpreendendo sorrisos de mofa de outros, arcando ainda com as consequencias do procedimento dos que deveriam ordenar a quantos acintosa e estupidamente fugiam do seu paroco, que o procurassem para receber dêle o que a êle lhe competia fazer.

Assim decorreu o tempo e eis que brota na mente fértil de algum iluminado o entrecho da tal comedia sacra!

E o padre Rachão transige ainda, com toda a sua alma limpa de odio e de vingança e presta-se a comparecer num comico tribunal de colégas onde êle se purifica de culpas, que não tem, fazendo soléne declarações ratificativas de principios que êle nunca traíu nem manchou—posto que tivésse aceitado a pensão!

Que redicula comedia!

Contudo, se de tal facto dependia a paz entre os paroquianos e o seu prior; se por tão pouco desaparecia a excomunhão, e todos os males inerentes e voltava a... bemaventurança embora o prior se risse intimamente de toda a comedia, fez bem, transigindo, procedeu religiosamente indo ao encontro da paz.

Não o condenâmos por isso.

Antes o aplaudimos pela sua intenção que dignifica a sua acção!

E agora os freguezes tementes e... teimosos, *pódem utilisar-se sem escrupulo dos serviços do seu paroco assim como frequentar a respectiva egreja paroquial*, que já não coerem perigo...

Tout est bien que finis bien!

S. J. M.

JUNTAS DE PAROQUIA

Dâmos a seguir os nomes das cidadãos que compõem as listas do Partido Republicano Português em algumas freguezias do concelho de Aveiro, e que recomendâmos a todos quantos apoiam a atual situação politica:

Freguezia da Gloria

Efectivos

João Bernardo Ribeiro Junior, farmaceutico; Henrique Norberto de Brito, idem; Francisco Pereira Mélo, negociante e Francisco da Silva Pereira Panulo, lavrador.

Substitutos

Antonio Ferreira Coelho, professor; João Simões Peixinho, barbeiro; Francisco Augusto Duarte Junior, carpinteiro e José Rodrigues Jeronimo, negociante.

Freguezia de Esgueira

Efectivos

Elisio Filinto Feio, proprietario; João da Silva Castro, alfaiate; Manuel da Maia, carpinteiro e João Marques de Almeida, proprietario.

Substitutos

Manuel Marque da Cunha, lavrador; Francisco Marques da Graça, lavrador; Antonio Marques Pêgo, lavrador e José Gonçalves Mano, carpinteiro.

Freguezia de Cacia

Efectivos

Ventura da Silva, proprietario; Francisco Joaquim Mendes, idem; Manuel Eusebio Pereira, idem; Manuel Mateus Ventura, idem e Francisco Simões Días, idem.

Substitutos

Manuel Rodrigues da Cunha, propietario; Manuel da Maia Junior, idem; Antonio Eusebio Pereira, idem; Manuel Rodrigues Calafate, idem e João Agostinho da Silva, idem.

Freguezia da Vera-Cruz

Efectivos

Antonio José Marques, empregado comercial; Fracisco Casimiro da Silva, negociante; Domingos João dos Reis Junior, farmaceutico e Domingos Francisco Coelho, barbeiro.

Substitutos

Octavio Duarte de Pinho, empregado; José Maria dos Santos Victor, alfaiate; Manuel da Graça Paula, negociante e José Manteiro, entregador de jornais.

Freguezia de Nariz

Efectivos

Augusto Simões Birrento, proprietario; Manuel Francisco Romão Junior, idem; Sebastião Francisco da Costa, idem; Manuel Vieira Freire, idem e Guilherme Francisco Luiso, negociante.

Substitutos

José Domingos Loureiro, proprietario; Francisco Simões Sebola, lavrador; Manuel dos Santos, canastreiro; Jeronimo Domingos Loureiro, proprietario e Manuel Mauricio Junior, lavrador.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques *Pereira*, em frente ao Mercado do Côjo e *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

O osculo da paz...

—=(*)=—

A Imaculada fazendo de Rainha Santa

Tem sido um espectaculo de desprestigio para a religião e vergonhoso para a classe clerical, o que por esse país fóra se tem exibido, após a publicação da Lei da Separação.

Homens que, por dignidade propria, por dever de oficio, mais do que ninguem, se deviam cingir ao rigoroso cumprimento dos preceitos evangelicos, tem sido êles os primeiros que, numa lucta miseravel de odios e inconfessaveis interesses, aí tem confraternisado para desrespeitarem cobardemente as leis vigentes e deslavadamente defraudarem os seus colégas, a quem o codigo igualitario de Cristo chama seus irmãos pelos laços de sangue e pelo vinculo da mesma fé.

Tem-se posto em jogo as mais vis trapaças no intuito perverso de inutilisar colégas que tem acatado as leis da Republica e que, pelas necessidades temporais da sua profissão, aceitaram a pensão, que por direito lhes era devida, para não cairem na penuria, não só êles, mas, muitas vezes, algumas pessoas de familia que, por necessidade das circunstancias, se encostam aos minguados e ratinhados recursos do padre. Se todos são colégas e irmãos, mais edificativo sería que a todos animasse a mesma compassiva benevolencia pelas supostas faltas dos outros, que êles apontam em assomos de refalsada hipocrisia, fazendo de julgadores e verdugos, sobrepondo-se aos seus superiores hierarquicos a quem compete julgar os que se tresmalharem do cumprimento dos seus deveres. Esses baixos sentimentos de perseguição que só a inveja alimenta contra colégas, não causariam espanto, se surgissem entre os membros doutra classe; entre homens, porém, obreiros no mesmo mister das almas, na mesma vinha do senhor, que todos os dias, por dever, lêem no breviario e no missal as palavras—*amor do proximo, caridade, perdão*—êsse explodir de ruins paixões, dizemos, esbravejando entre gente de tal categoria, dá nos a ideia de que do seu espirito desapareceu, por completo, a noção do que devem á grandêsa do seu ministério, á sua conduta de *leais* colégas e á sua linha de membros de uma sociedade civilisada.

Este sordido espectaculo tambem nésta cidade se repercutiu, alimentado da mesma sanha e odio que tem dado nas vistas por toda a parte, e que tem concorrido para um enorme desprestigio e desapego entre o clero e os fieis.

O prior da freguezia da Gloria désta cidade têve a grande virtude de acatar as leis da Republica, aceitando a pensão o que só o enalteceu, trazendo-lhe um certo aconchego que não é para desprezar nos tempos que vão correndo, continuando, como dantes, a merecer, pela sua conduta, a consideração de todas as pessoas de bem, o que poderá não ser apanagio doutros colégas. Começou por êsse motivo a formar-se um certo fermento de hostilidade, alvejando a sua pessoa, e como o mercieiro que rouba os freguezes á loja do visinho, o povo, sugestionado por processos indignos, deixou de frequentar a egreja onde aquêle *excomungado* levita governava a sua vida.

Missas eram só para êle e para o sacristão!...

Vai, se não quando, Deus, que escreve direito por linhas tortas, com um toque magico da sua divina graça, por intercessão da Imaculada Conceição, volveu os seus olhos piedosos ali para a egreja de S. Domingos e dentro daquélas quatro paredes excomungadas, clero e fieis, como por encanto, num osculo de paz, amor e concordia, celebram em imponente manifestação a festa da Imaculada!

Ficou tudo purificado e congraçado nas dobras do manto misericordioso da *ex-padroeira do reino!*

Deve a estas horas reinar um infinito regosijo nos céus, porque, como diz o evangelho, ha mais alegria no céu pela conversão de um *pecador*, que nêste caso é o nosso prior com pensão e tudo, do que por cem justos que lá deem entrada.

Emfim nós vâmos pôr ponto nêste artigo que, contra nossa vontade, prolongamos de mais, lembrando ao sr. prior Rachão e demais pensionistas a seguinte passagem que é verdadeira e tem graça:—O prior de Vila Verde, da Figueira da Fóz, foi o unico que naquêle concelho recebeu a pensão e na importancia de 6 libras mensais. O primeiro dinheiro a gastar daquéla soma foi na compra de um porco para aconchego do seu estomago e aformoseamento da sua dispensa.

Morto o bicho, bem sangrado e escorrido, ligado ao chambaril e suspenso de uma valente trave, o ditoso pensionista, contemplando a grossa lombada e peituga do cevado, e lembrando-se de que a Republica lhe metêra em casa, por mez, o melhor de dois porcos como aquêle, como David dançando deante da Arca Santa, começa tambem dançando á roda do porco e gritando em vós alta: — *Viva o Antonio José de Almeida, viva o Afonso Costa e os meus colégas que vão pr'a... que os pariu, que se eu tivésse fome, êles não me vinham cá dar de comer!...*

E, na verdade, para pôr ponto e responder a semelhantes miserias, achamos mais graça á festa do prior de Vila Verde, obrigada a porco, do que á da Imaculada Conceição que, com o aparato do costume, já não diverte nem converte.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Tristes aniversário

Passa àmanhã o aniversário sobre a pavorosa tragédia que teve o triste epilogo numa enxerga do hospital, onde exalou o ultimo suspiro o desventurado e desditoso Antonio de Oliveira Pinto Junior.

Não nos esquecerá nunca esta data que existe e revive na nossa memoria, de mistura com as amarissimas palavras de dôr, de desespero e de desanimo para lutar com a desventura, que subjugava a pobre vitima e que tantas vezes se lançava a nós, que lhas ouvimos, entre soluços e lagrimas, evidentemente denunciadoras da perda daquela alma!

O seu grande martirio foi, sem duvida, demasiada penitencia para os seus erros, que chegam a desaparecer, confrontados com toda aquela epopeia de dôr moral e de sofrimento fisico.

Assim nos lembrâmos sempre da grandêsa da sua desdita e por ela e pela sua memoria reverentes nos curvâmos.

NOTAS DA CARTEIRA

—=(*)=—

Em Ilhavo realisou-se o casamento da sr.ª D. Maria de Jesus Ramos, digna encarregada da estação telegrafo-postal daquéla vila, senhora dotada das mais belas qualidades e sentimentos, com o sr. Joaquim Julio Dias, aspirante dos correios, que em larga escala possue os requisitos que no seu conjunto constituem um bom carater e um explendido coração.

Após o acto civil os nobentes seguiram para o Porto, onde se realisou a cerimonia evangelica conforme a religião que professa a noiva, a quem, como a seu marido, merecidamente desejâmos um largo porvir todo flôres, sorrisos, amor e venturas.

= Com curta demora estivéram nésta cidade os srs. Antonio da Cunha e Silva, de Válega; Manuel da Cruz Manuelão, regedor da Oliveirinha; Manuel dos Santos Silvestre e esposa, de Nariz e dr. Lopes de Oliveira, de Azemeis.

= Chegou á sua casa de Cacia onde deve permanecer até ao fim do corrente mez, o sr. Americo de Oliveira.

= Tem passado doente nos ultimos dias o nosso querido amigo, sr. Antonio Maria Beja da Silva, dignissimo secretário do Ex.mo ministro do Interior.

Estimâmos que bréve se restabeleça.

= Fixou residencia em Alcantara Terra por ter sido promovido a chefe principal da respectiva estação do caminho de ferro, o nosso conterraneo sr. David Bernardo.

= Embarca na proxima semana para o Pará o sr. Joaquim Maria Alves, de Veiros, acreditado industrial.

Desejâmos-lhe boa viagem e todas as felicidades.

Cadastro do Partido Republicano Portugvês

Para dar cumprimento aos n.os 1 e 2 do artigo 51.º da *Lei Organica*, convidam-se todos os cidadãos da freguezia da Gloria que concordam com a politica deste partido, a irem inscrever os seus nomes no respectivo cadastro que até ao dia 25 do corrente se encontra no estabelecimento do sr. Bernardo Torres, aos Arcos.

Artigo

E' extraído do orgão *uniunista* de Lisboa, *A Lucta*, o artigo—*Adesivos*—que hoje ocupa o logar de honra do *Democrata*.

Escrito por João de Menezes, êle encérra um punhado de verdades que é necessário chegarem ao conhecimento do maior numero de portuguêses e em especial dos que se sacrificáram pelo advento da Republica, para que não possa haver confusões nem tão pouco ignorancia do que a cada um compéte fazer em face da *ciganagem politica*, que simplesmente adére ao novo regimen *para continuar dentro dêle a prática de todas as vilanías com que se desonrou* o velho, representado por D. Manuel II, e do qual tambem se diziam e mostravam *desinteressados* servidores.

Só é nosso o normando. De resto a João de Menezes cabe a gloria de ter interpretado bem o sentir duma grande parte dos seus antigos companheiros de luta.

AS RUAS DA CIDADE

Com as ultimas chuvas tornáram-se num perfeito chiqueiro as ruas de maior transito da cidade algumas das quaes chegáram a oferecer um dolorosissimo aspecto pela quantidade de lama nélas aglomerada.

Quando isto é no principio do inverno!...

Em todo o caso chamâmos a atenção de quem possa e tenha a seu cargo os trabalhos de reparação do pavimento das ruas, para que, sem demora, nele se façam alguns concertos tendentes a modificar quanto possivel o vergonhoso estado a que chegaram as principaes artérias que ligam com os diferentes pontos de Aveiro.

E' de urgente necessidade.

Anibal Rezende

—=(*)=—

Por intermédio deste velho amigo do *Democrata*, residente na Beira (Africa Oriental) acabam de se inscrever no livro dos nossos assinantes nada menos de desoito cidadãos ficando assim o jornal com uma vasta circulação na importante colonia portuguêsa.

Se é cérto que ultimamente temos recebido as mais cativantes provas de solidariedade manifestadas expontaneamente por aqueles que de perto teem acompanhado a nossa obra jornalistica de combate pelos bons principios, desvanéce-nos, todavía, vêr como ás amistosas palavras com que nos distinguem amigos e desconhecidos se junta o indispensavel para que este jornal possa viver altivo, sem dependencias aviltantes, honrando assim as instituições, que ajudou a implantar, e, com desinteresse, defende, abnegadamente, dos que as conspurcam esquecidos da propria dignidade.

Ainda bem que Anibal Rezende e tantos outros compreendem o que a um jornal, com a feição do *Democrata*, é necessário para se manter. Ainda bem, porque evidente se torna que não estamos desacompanhados e que a luta aqui sustentada em prol dos verdadeiros principios republicanos é de molde a interessar todos os espiritos esclarecidos, como o demonstram as inumeras provas que disso temos recebido.

A Anibal Rezende, pois, a expressão do nosso reconhecimento pela propaganda que tem feito deste modesto semanàrio aveirense, que póde não ter, como não tem, pretenções literàrias, mas que se inspira nos sãos principios da Moralidade e da Justiça para cumprir a sua missão com independencia e brio.

PEDIDO

Solicitâmos de quem isso depender a ordem necessária para fazer remover da rua de S. Roque, os montículos de terra, que, extraída das valetas, para elas tornam a voltar, levados pela chuva quando o rapazio se não encarrega de inutilisar todo o trabalho havido.

Aproveitando a ocasião atrevemo-nos tambem a lembrar a maxima conveniencia em apressar-se os trabalhos da Rua da Estação, que, com a sua estranhavel demora, estão transformando num verdadeiro mar de lama aquela arteria da cidade, unica que o visitante tem de percorrer e que é, sem rodeios, uma autentica vergonha, que bem classifica o interesse que esta desgraçada terra sempre tem merecido aos seus dirigentes.

E como não bastasse todo aquele miseravel espetaculo, a câmara consente uma determinada e vergonhosa alquilaria que ali está, atravancando a rua com as suas desconjuntadas carroças, exibindo a imundice do pardieiro e lançando para fóra as aguas porcas e fétidas de todo aquele chiqueiro.

Nem câmara, nem autoridade sanitaria, nem ninguem vê aquilo!

Desgraçada terra!

Francisco da Silva Rocha, para desonra do Partido Republicano Português, vil e sistematicamente infamado por Homem Cristo, é ainda professor supra-numerário do liceu, nomeado pelo atual govêrno, que assim lhe quiz pagar a parte moral que tomou nas campanhas contra os republicanos.

Continuâmos e havemos de protestar sempre por não nos conformarmos com semelhante afronta.

Aglomeração de original

Não nos permite o espaço de que dispomos nas quatro paginas do *Democrata* dar cabimento a todo o original que tinhamos reservado para esta semana. Fica-nos, portanto, bastante que publicar sobre vários assuntos, entre os quaes citaremos em primeiro logar a questão do govêrno civil de Aveiro e ainda a crise economica porque estão passando alguns estados do Brazil causada pelo baixo preço da borracha no mercado.

Que nos desculpem os leitores a quem devemos esta explicação.

Anotações do passado...

14 DE DEZEMBRO

Como em tempos que não vão longe se festejava no "orgão,, da Vera-Cruz o aniversário do chefe dum partido monarquico

De longos anos a historia do país nos não déra exemplo de tão incontestada e tão merecida preponderancia politica como a que atualmente gosa o conselheiro José Luciano de Castro.

Chefe prestigioso dum grande, forte e disciplinado partido, cujo programa traduz as mais generosas e práticas aspirações liberaes e os mais austeros principios de moralidade e economia, é além disso, não tanto pela força das circunstancias, como principalmente pelos seus altos meritos de estadista e pelos seus dotes soberanos de homem de bem, o verdadeiro árbitro dos destinos da nação.

Nem o rei nem o povo teem hoje em quem melhor confiem, e de quem mais esperem.

Ha por aí muitas facções sem chefe, e muitos pretenciosos chefes sem partido, assim como ha tambem a destacarem-se espiritos preversos servidos por inteligencias previlegiadas, ou carateres honéstos de curtissimo alcance.

Mas quem, como ele, reuna em alto gráu, e em admiravel equilibrio, todas as boas qualidades de caracter, de inteligencia, de saber e de coração, não ha ninguem.

Por isso o dia que hoje passa, do seu aniversario natalicio, não é só de intimo jubilo para a sua familia, para os seus amigos politicos e pessoaes e para a terra que o viu nascer: é tambem de verdadeira festa nacional, a que nos associámos com a sinceridade entusiastica de velhos amigos e companheiros, que ao seu lado temos visto chegarem e partirem muitos outros segundo os vaivens da sorte, ficando nós, como sempre, desinteressados e leaes.

José Maria Barbosa de Magalhães

Nésta comemoração festiva, não podemos deixar de evocar a memoria querida de dois colégas já falecidos: Manuel Firmino de Almeida Maia e Fernando de Vilhena, que, a serem vivos, viriam juntar ás nossas as suas homenagens; mas nem por isso os seus nomes ficarão em esquecimento. Do que os dois escreveram em tempos, em circunstancias identicas, reproduzimos aqui estes periodos:

HOMENAGEM

Os partidos constitucionalmente organisados, desempenham hoje, na existencia politica dos povos, o papel que os grandes exercitos desempenhavam na vida das nacionalidades.

A uma direcção correcta e habil póde dever a patria a salvação da sua integridade. A uma politica moralisadora e levantada, póde um pais dever a reabilitação da sua dignidade e do seu crédito, no vasto concerto das nações.

A missão da parte dirigente é por egual gloriosa e nobre.

Os que batalham pela honra da bandeira nacional, chamam-se —heroes.

Os que trabalham na conquista da civilisação—benemeritos.

José Luciano de Castro pertence a esta notavel pleiade.

Por isso, hoje, como sempre, serão para ele as nossas dedicações de partidario, os protéstos da nossa amisade de ha muitos anos, e as homenagens sincéras da nossa admiração pelas virtudes do seu caracter excepcional.

6 de dezembro de 1886.

Manuel Firmino de Almeida Maia

Raro costumam os homens do nosso tempo fazer justiça, em vida, aos que se elevam, pelo seu talento, á esféra das mais grandiosas encarnações sociaes, e se destacam, na galeria dos paladinos da civilisação, pela austeridade do seu caracter, pela superidade do seu talento, pela rectidão dos seus principios e pela sua dedicação á causa publica.

Os beneméritos da patria precisam, muitas vezes, que o selo da morte lhes torne inviolavel o tumulo, para que os odios se escondam, e se calem as invejas e as paixões. Só então a opinião publica se abeira da materia inérte para glorificar nêla o espirito, que a fez grande, como se tivésse medo de que a materia animada podésse surgir mais formosa na téla explendida da historia, e escurecer, com as fulgurações do génio, o busto de muitas nulidades, que o acaso faz apregoar de ilustres.

E esta apoteose é generosa, mas póde deixar de ser justa, de ser sincéra, de ser merecida. Por isso mesmo que os egoismos emudecem, que não lembram já os resentimentos e as paixões para cobrir de respeitos a memoria do amigo ou adversário, nem sempre a verdade resalta, em toda a sua deslumbradora purêsa, no quadro que se destina á posteridade.

E' preciso que a consciencia de um povo julgue do merecimento de um homem, quando o tem deante de si, em toda a pujança da sua vitalidade, em pleno exercicio de toda a sua actividade intelectual. Por esta fórma, as virtudes e os erros, os meritos e os vicios serão julgados pelo tribunal insuspeito da opinião publica, e o perfil moral do homem será fatalmente desenhado com verdade e correcção em todos os seus finos lineamentos, sem que o favoreçam os respeitos, a que um tumulo tem direito, ou o protejam os ciprestes, que lhe sombreiam a campa.

Mas, rarissimos homens ilustres assistem, neste país, á propria apoteose. E' mister que a sua individualidade se alevante a um nivel muito distinto, que a aureola do seu talento se irradie numa area infinitamente grande, para se fundirem, num momento, os odios em homenagens de respeito, as emulações num frémito de admiração, os despeitos, num tributo de justiça. E esta suprema transformação— que é ao mesmo tempo um nobre exemplo de quanto vale a consciencia do país ao julgar um homem e os seus actos—acaba de sagrar, como benemerito da patria, o conselheiro José Luciano de Castro, Presidente do Conselho de Ministros e Ministro do Reino.

Não é vulgar que a existencia de um homem tenha merecido mais cuidados e originado mais grâves apreensões aos amigos desvelados e aos adversários intransigentes. Durante a doença que prostrara no leito o sr. conselheiro José Luciano, uns e outros se olhavam no silencio das grandes comoções, como se da vida do ilustre presidente do conselho dependesse o equilibrio da administração publica, como se o seu passamento produzisse no organismo constitucional do país um destes cataclismos excepcionaes, que alteram profundamente a normalidade de todas as funções, e destroem pela base o elemento primordial de todos os progressos.

Anno II. Sabbado 14 de Dezembro de 1901 Numero 98

O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

AO

CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

(Miniatura da primeira pagina do *Campeão das Provincias*, numero especial, publicado a 14 de Dezembro de 1901)

Havia nos circulos politicos um ambiente pesado, caliginoso, em plena calmaria lugubre, das que precedem as grandes tempestades e ameaçam as profundas alterações atmosfericas. Os mais energicos reagiam contra a duvida, que alanceava todos os corações. Os menos fortes temiam o desenlace da crise, na horrivel tortura de quem vê desmoronar-se num instante um edificio de esperanças para o país, e de venturas para a causa publica.

Esta anciedade, esta vacilação dolorosa da opinião, durante a doença do sr. conselheiro José Luciano de Castro, é a mais augusta, a mais grandiosa apoteose que póde consagrar-se ao homem, que tem dedicado todos os brilhantes recursos da sua inteligencia, todos os mais puros afectos da sua alma á causa das liberdades e dos progressos do seu país.

E neste campo, entre a pleiade distinta dos que mais têm trabalhado na conquista dos modérnos adeantamentos nacionaes, o sr. conselheiro José Luciano tem de ocupar indiscutivelmente o primeiro e mais notavel logar, sem que precise, para essa glorificação, dos favores dos seus amigos, ou das benevolencias dos adversários. Sincéramente liberal, e devotado sem interesses á causa da monarquia, o seu vastissimo talento, a austeridade profunda do seu caracter, a inquebrantibilidade dos seus principios conquistaram-lhe o logar proeminente que ocupa no seu partido, e no seu país. Tudo o que é, deve-o exclusivamente ao trabalho, sem descanço, da sua inteligencia. E quem consegue chegar ao mais levantado grau da hierarquia social, após uma lucta sem treguas, tremenda, ciclopica, em que cada dia que passa se assinál-a, na existencia, por uma nova vitória de afeições, por uma nova aureola de simpatias, tem merecido sobejamente a sagração augusta, que nesta oportunidade a consciencia nacional lhe celebra.

E neste sublime protésto da consideração publica, neste concerto unanime do país em honra do seu mais distinto cidadão, não poderia faltar quem tão profundamente respeita a virilidade do seu espirito, e a vastidão do seu talento. E se não fomos dos primeiros a seguir o cortejo dos aplausos, temos a convicção intima, que nasce da consciencia, de que somos dos mais ferrenhos admiradores das suas virtudes, dos mais sincéros respeitadores do seu caracter.

Saudando no sr. conselheiro José Luciano de Castro a mais levantada gloria do distrito de Aveiro, cumprimos o mais sagrado e o mais legitimo dever de patriotismo, e uma das mais justas e veementes inspirações da nossa consciencia.

Dezembro de 86.

Fernando de Vilhena

1834-1901

Dentre os aveirenses ilustres, tanto do passado, como do presente, o que mais alto subiu, tomando por isso o primeiro logar, foi o sr. conselheiro José Luciano de Castro.

Não pelos seus titulos nobliarquicos, porque a modestia é a primeira virtude do seu caracter, mas pelo seu trabalho e pelo seu fulgurante talento, foi que se elevou no conceito publico, e daí o enorme prestigio com que o aclamaram chefe do grande e glorioso partido progressista.

Sendo chamado aos concelhos da corôa, como ministro, por várias vezes, demonstrou exuberantemente as qualidades eminentes do seu saber e muito tino governativo, e como presidente do conselho—deu as provas do mais prestigioso dos estadistas portuguêses, atingindo o mais alto cargo a que póde aspirar um cidadão português, no regimen constitucional.

E' portanto uma individualidade, que se destaca no nosso meio.

Se José Estevam foi grande pela palavra, José Luciano sobrelevou-lhe na ascendencia aos mais altos logares da monarquia.

E é por isso que eu, neste dia de jubilos, me associo com entusiasmo a esta tão justa, quão simpatica, manifestação, saudando tambem a bandeira do partido progressista, que é a sua honra imaculada e o seu timbre!

Aveiro, 14 de dezembro de 1901.

Francisco V. Barbosa de Magalhães

Não tento fazer a biografia do sr. conselheiro José Luciano de Castro, cuja existencia tem sido um manancial de triunfos e de glorias.

Outros a fizéram já. Mais alguns a farão tambem. Mas sublime, grandiosissima, unica, só a historia!

E' a ela que eu entrego com orgulho essa elevada missão, para que no futuro o nome do eminente estadista, o prestigiosissimo chefe do partido progressista seja invocado por todos como modelo das mais altas virtudes civicas, como modelo do mais vivo e acrisolado amor patrio, como modelo da mais requintada honestidade.

Mas tambem não hei-de ser tão prodigo, que desperdice a felicissima oportunidade, que o velho *Campeão das Provincias*, a que me estreitam as recordações mais intimas da mocidade, tão gentilmente me oferece, que não venha com a pobrêsa da minha linguagem juntar a esse imenso côro de alegrias e de saudações, que nesta hora risonha da nossa vida envolve o maior vulto politico do meu tempo, o preito humilde, sim, mas sincéramente verdadeiro, da profunda admiração, que tive sempre pelo seu extraordinário e fecundo talento.

E não sei o que mais nele me cega. Se os vôos da sua rutilantissima imaginação, se os predicados excepcionaes e unicos da sua até hoje indiscutivel honradez!

Mas seja uma ou outra coisa, mas sejam ambas, o que eu afirmo sem lisonja e sem servilismo, que repugnam ao meu caracter, é que vejo nesse homem respeitado e querido por todos nós uma qualidade, que desarma todos os remoques, os mais rudes.

E' que o sr. conselheiro José Luciano de Castro é um verdadeiro homem de bem.

E esta afirmativa ficará sempre de pé!

Aveiro, 14—12—1901.

Silverio Augusto Barbosa de Magalhães

Não se fala do conselheiro José Luciano de Castro, que se não ponha como remate á critica: *E' um homem de bem.*

De facto: uma grande capacidade, servindo um grande coração.

Organisação verdadeiramente previlegiada, é do numero daquelas de quem o filosofo grego andava á cata, de lanterna acêsa, e não encontrava.

Assim o consideram todos os que o conhecem. Assim lhe esboçam o perfil todos os que, como eu, só na tela da consciencia desenham com firmêsa.

Ilumina-o o clarão da justiça, que é sempre que anima os astros no firmamento da historia; e, se na mesma tela, o cerebro, aquecido pelo mesmo fogo, o julga tambem como politico, no logar proeminente que na politica ocupa, até aí tem de assentar-se-lhe a base sobre o mesmo poderoso alicerce em que se firma o seu caracter.

Desde que o seu espirito, num vôo largo, passou da atmosféra das escolas para a vida publica, a sua robusta individualidade assinalou-se desde logo dominante.

Admiro-o aí, como na religião do dever, de que é fervoroso apostolo, como no amor da familia, de que é venerando chefe. E, humilde soldado do grande exercito que tanto se nobilita do seu comando, daqui me associo a essa legião, saudando-o hoje com todo o entusiasmo das minhas crenças.

Firmino de Vilhena

Tinha aqui todo o cabimento reproduzir o que de injurioso e infame apareceu na mesma gasêta pouco tempo volvido após estas e outras publicas homenagens ao homem que era o primeiro entre os primeiros que *pelo seu talento, pelo seu caracter, pelas suas virtudes se impunha á consideração do país inteiro.* Porém, não é azáda a ocasião. Surpreendeu-nos a noticia de que os povos de Anadia, sem exclusão de qualquer partido, querem ir depois de ámanhã cumprimentar o sr. José Luciano como reconhecimento dos serviços prestados á região da Bairrada quando ministro da monarquia e assim seria indigno de nós avivar a ferida aberta pelos seus aduladores no dia em que lhes recusou o centésimo favor.

Provâmos deste modo o respeito que nos merécem os vencidos como o sr. José Luciano, que tem pelo menos direito a não ser perturbado na paz do lar para onde o atiraram a doença, a ingratidão dos que ele considerava amigos e mais recentemente os sucéssos que transformáram o regimen politico de Portugal.

Na contigencia duma guerra... sem precedentes...

Ainda não estava a Europa refeita do pavoroso receio duma geral conflagração armada, como consequencia do conflito balkanico que aos bons esforços das chancelarias, quer da triplice *entente* quer da triplice aliança, se conseguiu localisar no proprio teatro onde as quatro nações se degladiaram, entre os mais modernos horrores da guerra, e eis que novo receio outra vez agita os povos do velho continente, a que tambem não podemos escapar, especialmente pela nossa situação geografica, estando por isso sugeitos e na perspectiva dolorosa e sangrenta duma outra luta que, em abono da verdade devemos dizer, póde vir a tomar as mais fantasticas e inacreditaveis proporções, já pelas forças representativas de qualquer das nações beligerantes, como ainda doutras, incluindo a nossa, que a fatalidade do destino envolva no turbilhão sanguinolento da luta, arrebatada pelos tentaculos desse monstro—a guerra—que transforma cada cidadão num assassino e os campos ferteis e verdejantes em vastos cemiterios onde muitas vezes se encontram a palpitar os membros esquartejados de milhares de vitimas inconscientes!...

Assim, ainda que o perigo mais agudo da grâve questão tenha passado, é, todavia, bastante inquietador o estado geral produzido pela agudêsa que chegou a atingir o conflito, que podemos dizel-o sem receio, manteve durante horas amarguradas os que conheciam as *démarches* do caso, em quanto que o resto, como nós, apesar de nos encontrarmos sobre a cratéra do vulcão, respiravamos sem a mais leve agitação, dormindo o tranquilo sono dos justos!

Comtudo temos de reconhecer que muitas vezes a ignorancia das cousas representa um grande bem e neste caso trouxe-nos ela, além desse beneficio, o ter-se evitado qualquer acto que, provindo dum louvavel e justo sentimento patriotico, poderia colocar-nos numa critica e grâve contingencia.

E' cérto que continuam sendo tomadas com o maior critério áfim de não haver motivo de melindre para ninguem, todas as providencias que a situação impõe, apesar de as informações que sucessivamente nos são, em especial, transmitidas, apresentarem muito menos carregada a atmosféra belicosa dos dois grandes povos, do que após a primeira troca de impressões manifestada nas respectivas notas diplomaticas.

Compreendem os nossos leitores que tratando-se da gravissima questão, que estoirou como uma bomba e com tão doloroso éco nas chancelarias europeias, com a agravante de partilhar do conflito, por força das circunstancias, a nossa querida e velha Patria—é preciso que se diga toda a verdade—desenvolvemos, como é natural e do nosso dever, toda a atividade e lançando mão de todos os expedientes para conhecermos com a irrefragavel certêsa do verdadeiro pé do novo conflito, sacrificando, como é facil prever, um bela mão cheia de escudos na realisação dos nossos desejos para—vá lá esta confisãosinha espontanea e verdadeira—termos a primazia na divulgação assustadora embora, de tão gravissimo assunto, mas que entendemos e, comnosco, todos quantos encarem a questão como ela se apresenta, que *mais vale prevenir que remediar*...

Assim podemos informar que passados os primeiros instantes de verdadeira e amargurada anciedade, a situação desanuvia-se o que comtudo não impede que estejam convocadas para se apresentaram no maximo praso de 15 dias as 1.as e 2.as reservas dos ultimos contingentes de todas as armas, devendo principiar por estes dias a remonta geral entre o gado cavalar e muar. Ha ainda o recurso do chamamento das baixas como o do chamamento de todos os homens validos até aos 60 anos. Se por infelicidade nossa tivérmos de chegar a esse esforço, poderemos apresentar entre 600 a 800:000 homens nas fileiras; mas... emquanto nos não faltam braços não ha com que armal-os, pois não é segredo para ninguem a miseria e o desmantelamento em que herdamos as nossas forças de terra e mar. Se comtudo alguma cousa poderemos fazer com os nossos contingentes terrestres, pelas nossas costas maritimas é que será quasi nulo qualquer esforço.

Na parte que nos diz respeito o conflito resume-se ao seguinte:—estando o nosso territorio intercalado entre as fronteiras dos beligerantes, respeital-o-hão eles ou o invadirão para realisarem os seus mutuos planos de ataque? Quer por terra quer por mar parece inevitavel a segunda hipotese e assim temos de dividir as nossas forças, para as duas fronteiras ao menos—é triste que o digâmos—para o simples cumprimento dum imprescindivel dever, sem outro resultado mais que a obrigação moral e patriotica cumprida! Da nossa atual situação como potencia armada, teremos em abono da verdade, de declarar que nenhuma responsabilidade cabe ás instituições vigentes.

Dentro de tres anos—se fossem ao menos trinta!!...—esboça-se já um programa para o qual não deve haver a mais insignificante demora em que ele se realise afim de nos pôr depois da sua efectuação ao abrigo de dificilimos e perigosos lances para a autonomia e pundonor nacional, como o que neste momento nos enleia.

De resto é o que ha e não será com palavras e recriminações que modificaremos a situação.

Que cada coração se abraze no fogo sagrado do amor patrio e, ainda que com o nosso sangue escrevâmos mais umas novas paginas na historia de Portugal, tenhâmos a certêsa que elas servirão de estimulo e de grandêsa ao conceito mundial como tantas outras esculpidas a letras de oiro, imorredoiras na sua grandêsa e sublimidade!...

A "causis belis,,

A troca das primeiras notas

Panico nas bolsas

Sobre a epigrafe—*Um incidente*—publicou no domingo passado o importante jornal—*Post Aveiro Zeitung*—(*Correio de Aveiro*) os documentos que no seu terrivel laconismo, dão conta das razões do conflito.

No mundo diplomatico e, no geral, em todos os centros politicos causou a mais profunda estranhêsa o processo empregado no caso presente quando é cérto que em centenas de circunstancias identicas nunca qualquer govêrno trouxe nem para o respectivo orgão oficial nem para o de qualquer dos seus homens de estado o texto de documentos daquéla especie.

Daí os comentarios e considerações que este novo processo, agora empregado, desperta.

Haverá nele o encoberto pretexto de criar uma tão aspera excitação entre os dois govêrnos e até entre os dois povos, que apesar de outro pretexto facilmente encontrado, se lancem num conflito armado mas que dele seja a verdadeira origem afinal o que acaba de travar-se?

Será tambem uma maneira habil dum *chéque* na pessoa que, todavia não referida nas *notas* trocadas, sendo, como parece, apoiada pelo govêrno do seu país é provocada a qualquer outro campo de discussão e até de desafronta?

Post Aveiro Zeitung, é, como todos sabem, o orgão na imprensa do representante oficial do reino da Murtosa, acreditado no nosso país, o ilustre ministro plenipotenciario M. Zémaria Bébésofs.

Espirito de invulgar cultura e de finissimo trato, cioso em estremo pela historia da civilisação do seu país, confiando não só na grandêsa do poderio e vastidão territorial da sua pátria mas no altissimo e merecido conceito em que é tido na côrte murtozeira, o ilustre émulo de Teodoro Roosevelt, numa rapida troca de palavras realisada com o seu colégа, Joaquim Batatasichs, tambem entre nós digno representante da Gafanha, provocou a intervenção dum terceiro diplomata, igualmente acreditado junto do nosso govêrno e daí—como consequencia de baixa intriga—o inicio de conflito ao qual se poderá seguir um sério e não menos sangrento cataclismo.

Dizia se á bôca pequena que os dois ilustres representantes estrangeiros não se viam com bons olhos, apesar de encontrarem no desempenho das suas funções—a diplomacia—a precisa astucia para se não denunciarem, acrescentando ainda os alviçareiros que a questão nascera da posse da propriedade do importantissimo jornal referido, *Post Aveiro Zeitung*, que ambos desejavam obter quando dele se desfez a primeira sociedade proprietaria. A guerra franco prussiana de 70 foi sob o aparente pretexto do sucessor ao trôno de Espanha, mas a verdadeira causa foi bem outra!

A troca de palavras a que aludimos atingiu uma violenta gravidade tendo o ilustre representante da Murtosa chegado a chamar *engraxador* ao digno ministro da Gafanha, que num impeto de justificada dignidade ofendida, classificou o seu colégа de—*pôdre murtozeiro!*

O conflito pessoal, que pronta e fatalmente se reflétiria num outro conflito internacional, esteve iminente, evitando-o a amigavel intervenção duma terceira personagem á qual foram atribuidas referencias que todavia não foram feitas, como se vê pelos documentos seguintes:

Il.mo Sr. Albino Pinto de Miranda:

Informam-me que V. S.a, ontem, no Largo Municipal, e na minha ausencia, dirigiu á minha pessoa palavras que reputo ofensivas da minha dignidade. A ser verdade, espero me responda:

1.º—Se confirma essas palavras;
2.º—Se algum dia recebeu, directa ou indirectamente, qualquer ofensa ou agravo da minha pessoa que motivasse resentimentos.

Da sua resposta espero me autorisará a fazer o uso que julgar conveniente.

De V. S.a
At.º Vendr. Obr.º

Aveiro, 1 | 12 | 913.

José Maria Barbosa.

—=—

Sr. José Barbosa:

Acuso a recéção da carta de V., datada de 1 do corrente, e, conforme o pedido néla feito, vou responder pela ordem indicada:

1.º—Não tenho que confirmar palavras que proferisse em desabono de V., ou ofendessem a sua dignidade, pois as não proferi; deve ser confusão da discussão azeda em que V. se envolveu com um seu amigo da vespera. A minha intervenção no conflito foi apenas em querer evitar uma cena desagradavel eminente entre os dois.

2.º—Nunca de V. tive agravos ou ofensas, pois as nossas relações são tão restritas que não teem ido além de cumprimentos de simples cortezia; portanto, nem ocasião temos tido para nos agravarmos.

Julgo ter respondido aos pontos capitaes da sua carta e, por isso, pedindolhe desculpa das incorrecções désta, pois os meus conhecimentos literarios não dão para mais, nem os meus afazeres para tanto, subscrevo-me

De V., etc.

Aveiro, 3 | 12 | 913.

Albino Pinto de Miranda

Da alta gravidade que do conteudo de taes documentos resulta desnecessário será apontal a ao leitor, que o deve fazer estremecer apavora lo como—para que negal-o?—a nós sucéde, horrorisados com a respetiva duma guerra entre forças quasi eguaes em numero e em progresso...

Senão vejâmos resumidamente: tem o reino da Murtosa na sua organisação militar terrestre e naval o seguinte efectivo: infanteria—pé de guerra (mas sem pés de meia) 900.000 homens; cavalaria (não incluindo a rusticana) 200.000 homens, que, contados como em Espanha, pelas patas dos cavalos, perfaz 800.000... figuras; artilharia de montanha, sitio, ligeira e doutras cargas leves, póde atingir um efeito de 200 a 300 000 homens, não incluindo neste numero antigas bôcas de... fogo, com excéção feita a muitas outras bôcas de... lobo e ainda de incendio...

As suas forças navaes são consideraveis, podendo avaliar-se numa totalidade de perto de 200 unidades... decimaes.

Esta força colossal divide-se em 15 esquadra das quaes os barcos almirantes são os modernos *dreadnougts: Arréda lá fadistinha, Bae nas óras de istalar, Aqui ninguem se afelége, Olha a menina donzéla, Vem para cá gingadinho, Viva o senhor São Paio, etc., etc.*

Sabe-se que as forças da outra vasta e não menos poderosa nação agora em fóco, da qual as intrigas a dentro do paço resultaram a imortal composição teatral que fez as delicias do povo de Lisboa: *o rei da Gafanha*, não é menos poderosa e rica.

Dambas as partes temos a contar com a intrepidez quasi indomavel de algumas das suas tropas como sejam as das provincias da Nazaré, Senhora da Maluca, Pardelhas e Murtoza, não esquecendo os bravos marinheiros da Torreira, fanaticos pelos seus comandantes, que na sua linguagem nativa chamam *arrazes* e pelos milagres do santo padroeiro—o S. Paio.

Cabe aqui referir quanto custou a subjugar as revoltas dos naturaes, tal é a sua bravura, contra a proibição da pesca e a apanha do moliço, tendo de mobilisar-se por essa razão importantes forças militares.

Apesar de tudo indicar que póde ser afastado a iminencia duma guerra, que o leitor agora, pela exposição feita, mais facilmente póde avaliar o que de grâve ela nos traria. O panico nas bolsas foi extraordinário refletindo-se não só nos titulos nacionaes como nas acções de quasi todas as companhias, não se poupando a essa baixa as das poderosas *Moliços and Escaços International Company limited* e ainda a *Béstida Sudameri Ramische Dampfschiffarts—Gesellschaft*, qualquer delas com um fundo de reserva que representa todas as reservas do nosso pais.

Inteirado o leitor de toda a questão desde o seu inicio até aos nossos dias medirá o seu alcance e avaliará da sua gravidade fazendo nós tambem a justiça de, afastados de pessimismos, mas não nos deixando seduzir otimismos, que não podemos ver, pozémos as cousas no seu verdadeiro pé.

Limitar-se-hão ao que está?

Surgirá qualquer surprêsa que nos leve nos horrores da guerra?

Como ultima nota consoladora, sabemos de fonte segura que todas as chancelarias europeias se empenham para qxe o momentoso assunto não dê mais de si... nem que seja para eles...

Necrología

Em Avanca, no proximo concelho de Estarreja, faleceu, vitima dum parto laborioso, a sr.a D. Rosa da Conceição Teixeira de Abreu Freire, estremecida esposa do distinto clinico, o sr. dr. Antonio de Abreu Freire e irmã do nosso bom amigo, dr. Manuel Francisco Teixeira.

Esposa e mãe amantissima deixa no seu lar uma intensa saudade que o decorrer de muitos anos não conseguirá extinguir.

A's familias enlutadas a expressão do nosso pezar.

= Vitimada por uma sincope cardiaca, faleceu tambem nésta cidade a sr. D. Genoveva dos Reis Gamelas, esposa do sr. Manuel Dias dos Santos e irmã do sr. Manuel dos Reis, antigo negociante da nossa praça.

Sogra dos srs. Joaquim Gamelas Ferreira, Manuel da Naia Pacheco e de Henrique Marques Silveira, a todos apresentâmos sincéras condolencias.

=Egualmente faleceu em avançada edade a sr.a D. Candida Paixão, moradora na rua direita e ainda o sr. Januario José de Barros, comerciante estabelecido em frente á estação do caminho de ferro.

Ultramar

Aos nossos presados assinantes da Africa, Brazil, Congo, etc., a quem pelo correio nos dirigimos enviando-lhes nota dos seus débitos, roga a administração do *Democrata* a finêsa de os mandarem satisfazer pela via que melhor lhes convier cérta, como está, de que todos assim procederão atenta a sua comprovada honestidade.

E aceitem por isso o nosso antecipado reconhecimento

Aos eleitores DA Freguezia da Gloria

CIDADÃOS:

Ha alguêm que, com prometimentos que não póde cumprir, pretende levar-vos a deitar em determinada lista para a eleição da Junta da Paróquia.

Não acrediteis em quem quer que seja que, com semelhantes manhas, ainda não perdidas dos costumes da defunta monarquia, se vos apresente prometendo-vos o que vos não póde dar.

Exploram hipòcritamente com os vossos sentimentos religiosos, mentindo-vos com descaro quando vos dizem que, se deitardes nos nomes que vos apresentam, sairão todas as procissões, far-se-hão todas as solenidades religiosas de culto interno, as proprias entregas, que ninguem o ano passado proibiu, percorrerão as ruas com tanto ou mais estrondo que antigamente, e que até no adro de S. Domingos será colocada, com manifestações de desusado regosijo, a grade que, se desde o tempo da monarquia ali se não vê, é porque mal administraram o subsidio que para as obras do adro os cofres públicos haviam concedido.

Tudo embuste!

Não é a Junta de Paróquia que permite ou impede a saída de procissões ou a saída das entregas de ramos: é a autoridade, sómente a autoridade!

Não é a Junta de Paróquia que tem poder para permitir ou deixar de permitir que dentro da igreja ou de qualquer capela paroquial se realizem actos de culto: só a Corporação Cultual tem êsse poder, e ainda assim subordinada á imposição legal de o fazer ou deixar que se faça entre o nascer e o pôr do sol!

Não é a Junta de Paróquia que há de gradear-vos o adro de S. Domingos, porque ela não póde gastar verba que não tenha metido em orçamento, e não póde orçamentar despêsa que seja contra lei!

Que fica, portanto, dêsse canto de Sereia com que pretendem atrair-vos?

Absolutamente nada?

Não. Por agora fica o resíduo dos velhos processos monárquicos: — falsas promessas; e depois... nenhumas obras.

Há um provérbio que, de certo, não ignorais, mas não é despropósito lembrarvo-lo: — Mais vale dizer bem fiz eu do que eu soubesse.

Pois bem. E' o arrependimento tardío que vos espera, se vos deixardes embalar pelo canto de tam cândidas e seráficas Sereias

Com procissões e festas religiosas, ou o que quer que seja de carácter religioso, nada teem as Juntas de Paróquia. E se até aqui não tendes realizado solenidades religiosas nos templos cristãos, é porque êsses mesmos, que hoje, com politicos interesses, vos adulam as crenças religiosas, vos despejaram gôta a gôta no coração o veneno do ódio, o germen diabólico da revolta contra quem quer que defendesse os bons, os sãos princípios, os princípios da legalidade e do respeito que todos os cidadãos devem uns aos outros, quaisquer que sejam as suas crenças, quaisquer que sejam as suas tendencias espirituais.

Fôram êsses, só êsses, que lançaram a perturbação na vossa consciência, levando-vos a repelir supostas afrontas e obstáculos, embaraços e resistências que ninguêm vos opunha!...

E são êsses que vos veem falar em festas, procissões e grades?!...

Não os conheceis?

São os mesmos que tendo movido a guerra mais desleal e jesuítica ao pároco pensionista da Glória, lhe caíram ainda há dias aos pés em manifestação de humildoso *arrependimento*...

Abri os olhos e repeli-os com energia e altivez!

A lista que deveis preferir é a seguinte, composta de homens que não vos fazem falsos prometimentos, mas que hão de velar pelos interesses paroquiais sem hipocrisias nem politiquices:

João Bernardo Ribeiro Junior, farmaceutico
Francisco da Silva Pereira Panúlo, lavrador
Henrique Norberto de Brito, farmaceutico
Francisco Pereira de Melo, negociante
Antonio Ferreira Coelho, professor
Francisco Augusto Duarte Junior, carpinteiro
João Simões Peixinho, barbeiro
José Rodrigues Jeronimo, negociante.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

NOVEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
14	MOURA
21	LUZ
28	RIBEIRO

Agradecimento

Ana Rosa de Barros e Manuel José de Barros e esposa, veem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar á ultima morada os restos mortaes de seu falecido marido e pae, Januario José de Barros, e lhes significâram quer pessoalmente quer por escrito as suas condolencias, visto como jámais olvidarão tão penhorantes deferencias.

Aveiro, 8 de Dezembro de 1913.